

# Para a economia, 1983 já começou

EDUARDO BRITO

*Na economia, mais do que em qualquer outro campo, 1983 já começou. Para tornar isso claro, o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, não usou de sutilezas na semana passada, ao prever sacrifícios para o ano que vem e ao anunciar que rumo tomariam as medidas governamentais na área econômica, em especial o saldo desejado na balança comercial.*

*Essas medidas já vem sendo tomadas, como mostram as restrições já desencadeadas na área das importações. "Seria ingenuidade pensar que estamos tomando providências como essas, neste momento, para revogá-las depois", diria outro ministro da área econômica, no mesmo dia em que Galvães falava nas metas a serem perseguidas.*

*Porque o anúncio foi feito nesse momento? Porque não esperar as eleições? Porque não esperar o próprio 1983? Não houve qualquer descuido. Em primeiro lugar, a situação dos países devedores junto ao mercado financeiro internacional é mesmo difícil, e, para facilitar a captação, seria efetivamente interessante anunciar desde já as medidas a serem implementadas.*

• Além disso, porém, há um componente político que não se pode menosprezar. O anúncio das grandes diretrizes a serem adotadas — ou melhor, que já vem sendo adotadas — tem o condão de retirá-las da pauta das negociações a serem eventualmente abertas após o próximo dia 15 de novembro. A decisão estará tomada, as medidas já estarão desencadeadas e não serão passíveis de retorno.

*Foi assim que, com o sinal verde do Planalto, o comando econômico do governo decidiu iniciar, sem perda de tempo, o ajuste da economia. E, para isso, partiu-se de uma inversão na análise dos problemas ligados ao balanço de pagamentos, o ponto crucial de estrangulamento da economia brasileira, dentro da lógica do modelo.*

*Não se perguntará mais de quanto o Brasil precisa, para então buscar lá fora os recursos necessários. Agora, pergunte-se quanto o Brasil consegue captar, para então definir o que se terá de sacrificar. Os ministros Ernane Galvães e Delfim Netto, com o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, mantiveram no exterior contatos com as principais instituições financeiras e retornaram convictos de que o Brasil não poderá tomar empréstimos mais do uns 13 bilhões de dólares.*

*Resta, então, fazer encolher, as previdões. Se falava-se até em captar-se 22 bilhões de dólares, isso precisaria ser reduzido. A única variável suscetível de modificação através de medidas de caráter interno, é a balança comercial. Logo, ela terá que garantir esse diferencial mostrado nos 5,5 ou 6 bilhões de dólares desejados para o seu superávit.*

*Há ai uma expectativa de aumentar as exportações, pois os estoques de commodities estão baixos e seus preços já atingiram o fundo do poço. Mas o grande caminho seria a restrição das importações. Desse recurso se lançou mão imediatamente, assim como se decidia que apenas o petróleo, as necessidades das estações e os insumos necessários aos exportadores ficarão de fora. As cartas já estavam lançadas.*